

Barco com pescadores atravessa um dos rios do Pantanal Mato-Grossense

Leandro Lisboa Garcia/AE

TURISMO ECOWATCHING

ECOTURISMO NO PANTANAL SOB RISCO

Projeto de hidrovia na maior área alagada do planeta ameaça flora e fauna



ANTÔNIO PAULO PAVONE
Colunista do JT

Se o ambicioso projeto da Hidrovia Paraguai—Paraná vingar, o mais importante ecossistema alagado do mundo, o Pantanal Mato-Grossense, corre o risco de ficar totalmente desfigurado, extinguindo a atividade de ecoturismo na região. Os mais interessados nesta obra de US\$ 120 milhões são os países do Cone Sul: Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia. Acontece que ao atravessar estas nações, os Rios Paraguai e Paraná não formam nada parecido a um dos mais complexos e belos sistemas de águas existentes nos dois mil quilômetros percorridos em território brasileiro.

O projeto prevê dragagem, retificação de curvas e retirada de rochas em 3.442 km dos Rios Paraguai e Paraná. Estudos feitos pelo Instituto Centro da Vida, Cebrac e Fundo Mundial para a Natureza (WWF) estimam que a rentabilidade do setor de ecoturismo no Pantanal como um todo seria de 26,75% contra 12% da hidrovia. Além de ser sustentado, causando um mínimo impacto ambiental, o ecoturismo pode gerar mais empregos na região pantaneira do que a hidrovia, que somente beneficiaria plantadores de grãos e mineradoras. Além disso, o ecoturismo tem outra vantagem única: é uma das poucas atividades sustentadas que convivem em harmonia com a pecuária, que também seria drasticamente afetada.

“O Pantanal tem um regime de águas muito especial, único. Afundar a calha, tornando o Rio Paraguai navegável para grandes embarcações, como planejam, causaria resultados imprevisíveis, afetando todo o ecossistema, principalmente fauna e flora. Já temos o exemplo do Mississippi, também um rio de planície, onde obra semelhante foi realizada. Os prejuízos com as enchentes ficaram em US\$ 15 bilhões, nos últimos dois anos”, avalia a professora Nícia Wendel de Magalhães, diretora do Instituto de Ecoturismo do Brasil e da Eco Associação, especializada em levar grupos de estudantes e ecoturistas para o Pantanal.

Para Israel Waligora, da Ambiental Expedições, uma tradicional operadora da região pantaneira, se a hidrovia seguir este traçado irá acabar com os atrativos dos principais equipamentos hoteleiros, como as Fazendas Caiman, Aguapé, Rio Negro, São Roque, Barra Mansa e outras localizadas no chamado Pantanal Alto.

Diante da situação ameaçadora, o Instituto de Ecoturismo do Brasil prepara campanha de esclarecimento para informar a população sobre os riscos do projeto. O rebaixamento da calha do rio diminuiria de maneira dramática a área alagada, responsável pela imensa biodiversidade do sistema pantaneiro. Outro projeto semelhante ao da hidrovia foi levado avante na Flórida, em Everglades. Lá, o Rio Kissimmee sofreu retificações, ao custo de US\$ 30 milhões, e os danos ao ecossistema foram tão grandes que, agora, o seu leito deverá ser restaurado com gastos de US\$ 300 milhões.

SERRA DA CANASTRA

A ONG Kurupyra está infernizando a vida dos operadores de ecoturismo em Delfinópolis, na Serra da Canastra. Com inúmeras trilhas de extrema beleza cênica, a Serra da Canastra atrai ecoturistas de toda parte e as principais operadoras da Capital costumam levar os grupos para o local por esta pacata cidade mineira. Segundo Edgard Werblowsky, diretor da Freeway, o presidente da ONG, Paulo Estevão Pucci, “está fazendo exigências absurdas e perseguições pessoais”, chegando a impedir a entrada dos grupos nas trilhas. Inseguras quanto ao futuro das atividades na região, as operadoras Freeway Adventures, Brasil Adentro, Biotrip e Venturas & Aventuras enviaram documento ao prefeito de Delfinópolis em que expressam suas preocupações quanto às questões de guias locais, hospedagem e taxas. Reclamam, ainda, da maneira unilateral como o assunto vem sendo tratado, sem a consulta às agências em decisões que podem comprometer a continuidade do ecoturismo na cidade.

JT
18/5/97 3E
26